

VIDA EM PRIMEIRO LUGAR!

GRITO

DOS EXCLUÍDOS E EXCLUÍDAS

Ano 31

Número 82

Maio/Setembro 2025

CUIDAR DA CASA
COMUM E DA DEMOCRACIA
É LUTA DE TODO DIA

UM GRITO DOS OPRIMIDOS QUE SAI DO CHÃO

O planeta Terra – “nossa casa comum”, diz o Papa Francisco na Carta Encíclica *Laudato Si'* (2015) – está ferido de morte. Grita e exhibe chagas profundas por toda sua superfície, algumas das quais irreversíveis. As pessoas, os animais, as plantas e as coisas experimentam relações sempre mais tensas, conflituosas e turbulentas. Cada espécie de fauna e flora que se extingue, diminui a qualidade da vida em todas as suas formas (biodiversidade) na sua rede de conexão harmônica e integral.

O ritmo da natureza não é capaz de reciclar o ar, a água, os oceanos, as florestas, enfim, os ecossistemas em geral, com a mesma velocidade com que os contamina a política econômica globalizada. A partir da Revolução Industrial, acelera-se de maneira frenética e vertiginosa um projeto de produção, consumo e descarte que vem causando a ruína da terra juntamente com a ruína de uma justa prática política. O sistema capitalista, de filosofia liberal, revela-se selvagem e antropofágico. Ao mercantilizar aquilo que toca, devora-se a si mesmo e devora tudo o que encontra pela frente. Fartura de bens, miséria, fome e desperdício coexistem lado a lado de forma estridente e escandalosa.

Também está enferma a democracia. Em

distintos países, como recentemente nos Estados Unidos, por exemplo, poderosos bilionários se apoderam dos instrumentos e mecanismos democráticos para implementar verdadeiras ditaduras. A razão, a ciência e a tecnologia, em suas pretensões absolutas, estão nos conduzindo a um beco sem saída irracional. O mundo contemporâneo, se revela, ao mesmo tempo, social e ecologicamente insustentável, como mostra o autor alemão Ulrich Beck no livro *Sociedade de risco* – rumo a uma outra modernidade.

Desse cenário pouco animador decorre o tema da 31ª edição do Grito dos Excluídos e Excluídas: Cuidar da Casa Comum e da Democracia é luta de todo dia, tendo presente que o tema permanente segue sendo A Vida em Primeiro Lugar! Nessa economia, movida pelo motor do lucro e da acumulação do capital, áreas como o trabalho e a distribuição de renda, a saúde e a habitação, a comunicação e a educação, a segurança e os transportes terminam em segundo plano, ou se veem pura e simplesmente esquecidas.

Por outro lado, naturaliza-se a violência em suas mais diversas formas e, com ela, o preconceito, o racismo, a discriminação e o machismo, quadro em que são vítimas as

crianças, as mulheres, os povos originários e os estratos mais vulneráveis da população. Com as mudanças climáticas e a desigualdade socioeconômica, crescem as migrações forçadas, as deportações e a violação dos direitos humanos. Pressionado pelos representantes das oligarquias históricas, instalados no Congresso Nacional, as políticas públicas são abortadas e engavetadas como letra morta.

Neste ano jubilar em que somos convidados a ser Peregrinos de Esperança, o Grito será potencializado por uma nova edição do Plebiscito Popular, no qual estarão em pauta trabalho e distribuição de renda, economia e formas de violência estrutural, pobreza e dívida pública.

A Coordenação Nacional

ARTE: ANDERSON AUGUSTO



CUIDAR DA CASA COMUM E DA...

BELO HORIZONTE/MG

OBJETIVOS:

A QUE NOS PROPOMOS?

Discutir com a sociedade o atual momento em que vivemos no Brasil e no mundo, denunciando as estruturas opressoras e excludentes e as injustiças cometidas pelo sistema capitalista que busca o lucro a qualquer preço e não se preocupa com a nossa Casa Comum.

O QUE QUEREMOS?

- 1 Motivar e incentivar a criação, organização e o fortalecimento de espaços de reflexão coletiva sobre o tema e lema do 31º Grito – “Vida em Primeiro Lugar! Cuidar da Casa Comum e da Democracia é luta de todo dia”.
- 2 Refletir coletivamente que este modelo de “desenvolvimento”, baseado no lucro e na acumulação privada, tem destruído o planeta Terra, colocando a vida do povo em perigo e deixando enferma nossa democracia;
- 3 Erguer nossas bandeiras e lutar pelo acesso e qualidade de todos os serviços públicos básicos para a população, como: educação, saúde, alimentação saudável, água potável, energia, saneamento, transporte, moradia.
- 4 Participar da edição do Plebiscito Popular sobre a taxação dos super ricos e a redução da jornada de trabalho, pelo fim da escala 6x1, com o objetivo de debater com os trabalhadores/as, fazer pressão sobre as instituições, governo e Congresso Nacional e avançar na organização, comunicação e unidade com os movimentos populares e pastorais sociais;
- 5 Promover espaços de diálogo e troca de experiências para construir as lutas e a mudança, através da organização, mobilização e resistência popular.

EIXOS

1 ECOLOGIA / MEIO AMBIENTE / MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Estamos vivendo novos tempos. Enchentes, secas e aumento da temperatura apontam para uma preocupação crescente: a frequência cada vez maior dos eventos extremos da crise climática e os riscos para a continuidade da vida das pessoas e do planeta. Resultado da ganância incessante do capital sobre a natureza. As organizações populares têm denunciado que os impactos das mudanças climáticas afetam grupos sociais de maneiras diferentes, mas sobretudo à população mais vulnerável que vive nas zonas periféricas, sem acesso aos direitos básicos.

Em diálogo com a Campanha da Fraternidade 2025, da CNBB, que traz o tema “Fraternidade e Ecologia Integral”, o 31º Grito também propõe a promoção de um processo de conversão integral ouvindo o grito dos pobres e da Terra. Processo que passa pela denúncia dos males do estilo de vida atual que geram a crise socioambiental, aponta as causas da grave crise climática global e destaca a necessidade de mudanças profundas nos modos de vida e a rejeição das “falsas soluções”.

Portanto, a resposta para essa crise só pode vir das mãos daqueles e daquelas que sentem na pele seus impactos, pois não é possível imaginar que as classes dominantes, as principais responsáveis por essa situação, estão preocupadas em solucioná-la.

Nestes momentos, é fundamental mantermos a solidariedade de classe, estar cada vez mais organizados, reivindicar dos governos políticas de proteção para as populações mais afetadas e fazer a luta anti-imperialista. Só poderemos enfrentar as mudanças climáticas enfrentando o capitalismo. É tempo de avançar!



2 DEMOCRACIA E SOBERANIA

Há pelo menos dez anos, o Brasil está imerso em um processo intenso de crises democráticas que marcam, com nitidez, a ascensão do autoritarismo e da polarização em debates políticos. O preocupante movimento de deslegitimação no processo democrático e de atentado à democracia brasileira demonstram o avanço significativo de ideais da extrema-direita.

Diante desse cenário, é notável que a democracia que queremos ainda não está construída e nosso trabalho diário está na defesa e criação de estratégias que tornem os processos de participação mais fortalecidos, ativos e representativos. A sociedade civil e os movimentos sociais fortalecem a democracia ao passo que a democracia fortalece a sociedade civil e os movimentos sociais. Desse modo, é fundamental que resgatemos a capacidade de propor, criar, idealizar e construir caminhos para a democracia que precisamos em nosso país, transgredindo segmentações e dispersões que enfraquecem o coro popular.

Para que a democracia se concretize é fundamental que o povo tenha soberania e aprenda exercitá-la cotidianamente. Por soberania entende-se a ordem instituída, que respeite a vontade popular e seja por esta orientada. O povo sabe do que precisa e as-

sim decide, democraticamente, sobre como a nação deve se constituir e funcionar.

A construção de um modelo de sociedade mais sustentável depende também de uma governança que promova a equidade, proteja a Casa Comum e assegure que todas as vozes sejam ouvidas, para a reformulação desse sistema socioeconômico baseado na exploração predatória, exclusão e morte.

3 RENDA / ECONOMIA / TRABALHO / DÍVIDA PÚBLICA

O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. O rendimento mensal do grupo dos 1% mais rico é 40 vezes maior que dos 40% mais pobres, segundo o IBGE em 2024. Os impactos dessa desigualdade são sentidos pelos mais empobrecidos, com maior incidência sobre as mulheres negras e periféricas. Apesar do recuo da fome em 2023 e 2024 - 14,7 milhões de pessoas deixaram de passar fome, segundo a ONU -; a insegurança alimentar segue sendo um fator determinante e tem a ver com a falta de distribuição de renda. O acesso aos alimentos é um fator determinante para aplacar a fome. Neste ano temos o agravante dos altos preços dos alimentos impulsionados pelo agronegócio que almeja mais e mais lucro. De outro lado, o Brasil é um dos três países que mais produzem alimentos no

Expediente

Comissão Episcopal para Ação Sociotransformadora - CEPAST/CNBB – SE/SUL – Quadra 801 – Conj. B – 70200-014 – Brasília/DF
Assessoria: Pe. Dario Bossi e Alessandra Miranda

ASTORAIS E ORGANISMOS:
PO – SPM – PPR – PCr – PAB – CPT – PJ – PJMP – CB – CNLB – PMM – CPP

ENTIDADES: CMP – MST – CNTE – MAB – JSB – JOC – Rede Rua – SEFRAS – CEBs - Romaria dos Trabalhadores e das Trabalhadoras

Apoio:

- Comissão Episcopal para Ação Sociotransformadora - CEPAST/CNBB
- Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição
- CNBB (Regional Sul 1/SP)

Secretaria Nacional do Grito dos Excluídos e Excluídas

Rua Caiambé, 126 – Ipiranga – 04264-060 – São Paulo/SP - Tel: (11) 2272-0627

www.gritodosexcluidos.com
facebook.com/grito.dos.excluidos
youtube.com/@GritodosExcluidos
instagram.com/grito.dos.excluidos

Tiragem: 25 mil

COLABORAÇÃO :

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Culturas. Linha de pesquisa: Cultura, organizações e transformações sociais. Projeto de extensão: Comunica, Nossa gente!
(<https://comunicanossagente.wordpress.com>)

Coordenadora: Dra. Camila Escudero
Projeto Gráfico e Diagramação: Dr. José Reis Filho

...DEMOCRACIA É LUTA DE TODO DIA

MACEIÓ/AL



CÁCERES/MT



mundo, com uma economia entre as dez maiores do planeta.

A dívida pública brasileira tem crescido e comprometido metade do orçamento público, com o agravante que os lucros têm rumo certo: os especuladores e rentistas, não gerando investimento no país. A dívida pública atingiu, em 2024, o patamar de 4,648 trilhões de reais. Montante que poderia ser investido em saúde, educação, creche, cultura, saneamento, moradia...

Nos governos Temer e Bolsonaro, regridimos em relação às conquistas sociais, renda e trabalho. As novas formas de ver o trabalho como é o caso da “uberização”, o fastfood, assim como o aclamado empreendedorismo precarizaram as relações trabalhistas e fragilizaram a organização da classe trabalhadora. Uma das pautas hoje é a redução da jornada de trabalho e a tributação dos mais ricos, temas estes do Plebiscito Popular proposto para este ano, na semana da Pátria.

4 POLÍTICAS PÚBLICAS A PARTIR DO PARADIGMA ECOLÓGICO

Não dá para falar de democracia, sem falar de políticas públicas, ainda mais

quando temos a urgência de repensar nossa forma de ser e estar no mundo, a partir do paradigma ecológico: Somos Natureza! Esta premissa tão provocativa em nossos dias, surge do chamado do Papa Francisco, para que o ser humano se compreenda como parte de uma comunidade diversa de vida, e que reside na Casa Comum, em que tudo o que existe está interligado de modo necessário.

No entanto, há um abismo terrível entre esta perspectiva vital com as respostas dadas pela sociedade, em especial, por empresas e governos diante do cuidado com o planeta. As catástrofes climáticas e ambientais têm colocado em jogo a vida humana e sua forma de se organizar não só em territórios rurais, mas de modo evidente nas grandes cidades. As cidades não são planejadas para o bem viver do povo. As condições de vida digna têm afetado drasticamente os direitos de crianças, idosos e grupos em situação de vulnerabilidade, como pessoas em situação de rua e residentes em periferias, na sua maioria negras. É preciso repensar a urbanização das cidades, considerando o direito ao saneamento básico, moradia digna, espaços de educação de qualidade como projeto

integral para superar a desigualdade histórica e os impactos climáticos.

Já, no campo e nas florestas, é necessário investir em formas de produção alternativas ao agronegócio existente e à depredação dos biomas, que respeite a biodiversidade e a cultura ancestral dos povos. Com base na agroecologia, agricultura familiar e orgânica, assim como na demarcação de terras dos povos originários, que defendem um estilo de vida baseado no cuidado da terra como mãe (Pachamama). Enfim, o cuidado com a Casa Comum deve ser um pacto universal construído todos os dias no estilo de vida das pessoas, mas também em mudanças na estrutura política, econômica e de políticas públicas.

5 PANORAMA INTERNACIONAL DAS MIGRAÇÕES

Em nenhum outro momento histórico o mundo produziu tantos deslocados como nas últimas décadas. Os movimentos migratórios são uma clara denúncia de que algo não está bem nesse modo de produção capitalista que, num primeiro momento, “precisou” deslocar os migrantes para responder às demandas da produção industrial e, mais tarde, os relegou à própria sorte.

Ao mesmo tempo em que o modelo econômico provoca os deslocamentos humanos, o novo ordenamento internacional do trabalho se apresenta cada vez mais escasso e restritivo, relegando aos migrantes os trabalhos mais humilhantes e degradantes. De acordo com o Relatório Mundial sobre Migração, publicado em 2024, pela Organização Internacional para as Migrações, o mundo conta com aproximadamente 281 milhões de migrantes internacionais. Destes, 120 milhões de pessoas estão fora de suas casas, tendo sido forçadas a fugir das guerras, da violência, da perseguição, da fome/miséria, dos eventos climáticos severos provocados pela crise climática.

Neste contexto internacional, as maiores potências econômicas do mundo, que outrora se edificaram com a exploração do trabalho dos migrantes, atualmente erguem muros e criam políticas de restrições migratórias cada vez mais severas, chegando ao cúmulo das deportações sumárias marcadas pela violação dos direitos humanos. Somente os Estados Unidos deportaram mais de 11 mil brasileiros nos últimos anos. Porém, há muitos sinais de esperança.

As migrações representam oportunidades de mudanças e transformações profundas e necessárias na sociedade. Num mundo marcado pela xenofobia, se multiplicam iniciativas de acolhida e inclusão dos migrantes, espaços de trocas culturais e experiências de interculturalidade intermediadas ou fortalecidas pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), pela Cáritas e uma infinidade de instituições da sociedade civil. As quais reconhecem os migrantes como sujeitos de direitos e se somam na luta por políticas públicas migratórias

permanentes e para além da emergência humanitária.

6 COMUNICAÇÃO EM NOSSO FAVOR

A censura e a manipulação político-ideológica exercidas pelos grandes meios de comunicação não é um fato recente. Se antes o debate era sobre a mídia tradicional, comandada por sete famílias Marinho, Edir Macedo, Abra-vanel, Saad, Frias, Mesquita e Civita, no Brasil; agora, com as mídias digitais, enfrentamos as Big Tech. As gigantes de tecnologia mundial que impactam a vida de bilhões de pessoas, com seu poder e influência, por meio de plataformas digitais que disputam imaginários e monetizam com base no estímulo à violência, ao ódio, à mentira, ao preconceito, à difusão de fake news. Tanto, que entre os dez maiores bilionários do mundo, estão Elon Musk, dono da Tesla, o segundo maior; e Zuckerberg da Meta (Facebook, Instagram, WhatsApp) que é o quarto.

Esse processo histórico de desonestidade informacional contribui para um retrocesso a um mundo autoritário e ao regime da necropolítica, de desmonte do Estado e das políticas públicas, e de avanço das privatizações.

Enfrentar o dragão de sete cabeças da comunicação nunca foi uma tarefa fácil, nem antes, nem agora. Além de agilizar a democratização e regulamentação do setor de comunicações, é urgente que o Governo Federal desenvolva uma estratégia de comunicação oficial que informe e dialogue, efetivamente, com os vários públicos.

Nesse contexto, tão necessário também é o fortalecimento da mídia alternativa. A história mostra que muitas foram as experiências de comunicação social, popular e sindical que se constituíram em importantes contrapontos à manipulação midiática dos grandes meios e contribuíram para a transformação e organização social no Brasil, neste e no século passado. E que, certamente, hoje, consistem em importantes ferramentas na construção de uma militância social e política, permanente e aguerrida, na frente estratégica da batalha de ideias e narrativas, que a comunicação pode alavancar.

“Desarmemos a comunicação de todo preconceito, rancor, fanatismo e ódio; purifiquemo-la da agressividade. Não precisamos de uma comunicação estrondosa e muscular, mas de uma comunicação capaz de ouvir, de acolher a voz dos frágeis que não têm voz. Desarmemos as palavras e ajudaremos a desarmar a Terra.” (Papa Leão XIV)

FIQUE POR DENTRO

“Que não haja espaço para ódio, discriminação ou exclusão.

Papa Francisco

Essa luta não é só por democracia. É por outra civilização.

Pepe Mojica

Queremos ser uma igreja sinodal, uma igreja que avança, que busca sempre a paz, busca sempre a caridade, busca sempre estar próxima, principalmente daqueles que sofrem.

Papa Leão XIV

1 Plebiscito Popular 2025

Para enfrentar a superexploração do trabalho e a injustiça fiscal que marcam a sociedade brasileira, no dia 10/04, foi lançado, oficialmente, o Plebiscito Popular 2025 que vai consultar a população sobre questões relevantes: a redução da jornada de trabalho sem redução de salário; o fim da escala 6x; a taxação dos mais ricos, que ganham acima de R\$ 50 mil mensais, e isenção de imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil por mês.

A Comissão Episcopal para Ação Socio-

transformadora - CEPAST/CNBB, Jubileu Sul e Grito dos Excluídos e Excluídas consideram que o plebiscito popular, como já foi em anos anteriores, é uma ferramenta essencial para o diálogo em nossas comunidades, paróquias, dioceses, pastorais, coletivos. No processo de Mutirão do Bem Viver dos Povos, seguimos construindo pontes e sinergias para avançar no Projeto Popular que nos propomos, de uma sociedade justa, fraterna e igualitária, com a participação de entidades sociais, movimentos populares, sindicais, igrejas e forças partidárias.

2 38ª Romaria dos Trabalhadores e das Trabalhadoras

Organizada pela Pastoral Operária, Serviço Pastoral dos Migrantes e um conjunto de pastorais e movimentos populares, há mais de três décadas, a Romaria reúne milhares de pessoas vindas dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, no Santuário de Aparecida – São Paulo. No dia 7 de setembro, juntamente com o Grito dos Excluídos e Excluídas, acontece a mística do dia da Pátria da classe trabalhadora, que reza e luta.

A primeira Romaria foi em 1988, com o tema “Mãe, este povo passa fome”. Neste ano de 2025, o lema será “Rezamos e lutamos. Classe trabalhadora, peregrina na esperança por justiça e pela ecologia integral”.

3 Violência contra mulheres

Em 2024 foram registrados 1.450 feminicídios e 2.485 homicídios dolosos (com a intenção de matar) de mulheres e lesões corporais seguidas de morte. Registrou-se 196 estupros por dia, totalizando 71.892 casos no ano (Relatório Anual Socioeconômico da Mulher/Ministério das Mulheres). Nos casos de violência contra mulheres adultas (20 a 59 anos), 60,4% foram contra mulheres pretas e pardas e 37,5% contra brancas. Em 76,6% dos registros de violências domésticas, sexual e ou outras violências contra mulheres, o agressor é do sexo masculino (Sistema de Informação de Agravos de Notificação do Ministério da Saúde/Sinan/MS).

4 Violência no campo

O ano de 2023 registrou 2.203 conflitos no campo, o maior já registrado pelo Centro de Documentação Dom Tomás Balduino/Cedoc-CPT, envolvendo mais de 950 mil pessoas e

cerca de 59,4 milhões de hectares de terra. Houve um aumento de 7,46% em relação a 2022. A maioria dos conflitos registrados é pela terra (1.724, sendo também o maior número registrado pela CPT), seguidos de ocorrências de trabalho escravo rural (251) e conflitos pela água (225). Dentre os estados, o maior número

5 Violência contra indígenas, quilombolas, população negra

Houve uma queda no número de ocorrência de violência contra povos indígenas no Brasil, mas um aumento de 15% no número de pessoas indígenas mortas, que passou de 180 em 2022 para 208 em 2023. (Relatório do Cimi - Conselho Indigenista Missionário)

Entre janeiro de 2019 a julho de 2024, foram registrados 46 assassinatos contra a população quilombola, uma média anual de 8 casos. Nos anos de 2021 e 2023, o número de assassinatos superou a média anual com 10 e 9 mortes, respectivamente, sendo que mais da metade dos alvos eram de lideranças. (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas/Conaq)

A população negra no Brasil soma 55,5% do número total de brasileiros. No entanto, ser negro no país significa enfrentar um risco 2,7 vezes maior de ser vítima de homicídio do que uma pessoa não negra. Embora o número geral de homicídios tenha caído, entre 2013 e 2023, a desigualdade racial associada à violência letal não apenas persiste, como se intensifica. (Atlas da Violência 2024 - Ipea)

6 Materiais de divulgação do 31º Grito

Jornal R\$ 0,40
Cartaz.....R\$ 0,80
Camiseta..... R\$ 28,00
Roteiro de Celebração R\$ 0,40
Documentário..... 30º Grito - online

Pedidos na Secretaria do Grito dos Excluídos e Excluídas: Tel: (11) 2272-0627
E-mail: gritonacional@gmail.com